

A ESCUTA DAS CRIANÇAS SOBRE O BRINCAR COM OS AVÓS

Rosa Maria da Motta Azambuja¹
Elaine Pedreira Rabinovich²

RESUMO

Neste estudo, toma-se como objeto a escuta das crianças sobre o brincar com os avós tendo como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e o procedimento metodológico da inserção ecológica. Entre os núcleos apresentados na teoria, esta apresentação priorizou a análise do contexto, o que permite observar a interação entre a díade. De desenho qualitativo e exploratório investigou a relação entre avós e netos, na perspectiva das próprias crianças de seis a oito anos, de status socioeconômico baixo, médio e alto, moradores na cidade de Salvador, cujos avós eram cuidadores de tempo integral, esporádico e sistemático e, juntamente com os avós e pais presentes, consentiram na entrevista. Os participantes foram captados pela técnica bola de neve. Realizaram-se dois procedimentos de instrumentos da teoria educacional (roda de conversa) e sistêmica (jogo colaborativo) em que responderam às seguintes perguntas: “O que fazem juntos” e “Quais são as brincadeiras favoritas”. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Os resultados foram organizados em torno dos termos atividades externas e internas em que se procurou, a partir dos termos utilizados pelas crianças, compreender o conteúdo em que estas se basearam para fornecer as suas respostas. Os principais resultados apontam que as atividades lúdicas entre avós e netos de tempo integral tendem a ocorrer em espaços internos como jogos educativos e eletrônicos, enquanto os avós sistemáticos e esporádicos priorizam brincadeiras em espaços externos, como praia, piscina e jogos de salão e futebol nos parquinhos e especialmente nos playgrounds.

Palavras-chave: Avós. Netos. Brincar.

1 INTRODUÇÃO

Escutar as crianças sobre suas próprias experiências é reconhecê-las como indivíduos plenos que têm o que contar sobre si mesmas e suas experiências. Essa escuta e olhar atentos reduzem as distâncias geracionais e nos aproximam de estudos e pesquisas que permitirão ampliar o conhecimento da relação entre avós e netos (PASSEGGI; ROCHA, 2012; RAMOS, 2011).

¹ Pedagoga, doutoranda e Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) E-mail: psicoazambuja@hotmail.com

² Psicóloga clínica, Mestrado e doutorado pelo IPUSP, Pós-doutorado IPUSP e FFCL-USP/RP, professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/ UCSal; Email: elainepr@brasmil.com.br

Através do diálogo entre avós e netos surgem oportunidades para compartilhar experiências, lembranças e desabafos. Surge como uma forma de reviver o prazer da troca e escuta de ambos sobre suas próprias experiências. Além de legitimar suas narrativas como fonte de pesquisa e de evidenciar como a criança se constituiu num caminho para o aprendizado da convivência (MOURA; LIMA, 2014).

Mas, o que aprendemos com elas? “Aprendemos a escutá-las e a reconhecê-las como indivíduos plenos que têm o que contar sobre si mesmas e suas experiências. Aprendemos que a criança tem o que contar que ela sabe sobre o que refletir ao narrar suas experiências de vida” (PASSEGUI; ROCHA, 2012, p.19).

Essa escuta e olhar atentos reduzem as distâncias geracionais e nos aproximam sobremaneira de estudos e pesquisas que permitirão ampliar o conhecimento dessa díade entre avós e netos.

A percepção que as crianças e adolescentes têm em relação aos avós é positiva (Dias; Hora; Mendes, 2010; Rabinovich; Moreira, 2008). As avós maternas são preferidas porque elas estão mais envolvidas no cuidado das crianças, ajudando-as nas pequenas e nas grandes tarefas. Além de ser mais mencionada (mesmo quando o avô também morava junto), mostra que a convivência é um critério importante nos elos de afeição, que possibilita o cuidado, a ajuda e a reciprocidade (Ramos, 2012).

No entanto, os estudos que buscam dar voz às crianças ainda são poucos e recentes, tendo sido impulsionados pelo campo da Sociologia da Infância, no início dos anos 1990.

Objetiva-se neste estudo, de desenho qualitativo e exploratório investigar o brincar entre avós e netos, na perspectiva das próprias crianças de seis a oito anos de níveis socioeconômicos diversos na cidade de Salvador.

2 MÉTODO

2.1 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa doze crianças do sexo masculino e feminino. A idade dos participantes variou entre 6 e 8 anos, estudantes do Ensino Fundamental, moradores na cidade de Salvador, cujos avós maternos e paternos de tempo integral, responsáveis diariamente; sistemáticos, cuidadores em dias específicos e esporádicos, eventuais para cuidar. E de status socioeconômico médio e baixo, definido pela renda média bruta familiar no mês por classe, fornecido pelo Critério de Classificação Econômica (Fonte: LSE 2012 Ibope Média) e, juntamente com os treze avós e pais presentes, consentiram na entrevista.

2.2 INSTRUMENTOS

Como instrumentos de coleta da pesquisa foram utilizados: (a) um questionário sociodemográfico sobre a composição da família, tipo de avô/ó; gênero; idade; estado civil; formação; profissão; tipo de residência; renda salarial, tipo de cuidado respondido pelos avós e idade; ano escolar; moradia; frequência de contato com os avós maternos e paternos, respondido por escrito pelos pais ou responsáveis. (b) roda de conversa com as crianças em que responderam às seguintes perguntas: “O que fazem juntos” e “Quais são as brincadeiras favoritas” (c) jogo colaborativo entre avós e netos, contendo as seguintes perguntas, “Quais são as atividades que realizam dentro de casa”, “Quais são as atividades que realizam fora de casa”.

2.3 PROCEDIMENTO

As entrevistas foram realizadas com a anuência dos responsáveis, que assinaram o Termo de Consentimento Informado. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador (UCSal). As entrevistas foram realizadas na escola em que as crianças estudam, com duração média de 60 minutos, gravadas em áudio e posteriormente transcritas,

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo, toma-se como objeto o brincar na relação entre avós e netos tendo como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e o procedimento metodológico da inserção ecológica.

O brincar entre avós e netos foi visto a partir das seguintes categorias:

(1) atividades dentro e fora de casa; (2) brincadeiras preferidas;

Ao serem questionados sobre o que fazem juntos **dentro e fora de casa** com os avós, os netos de tempo integral responderam que assistem TV, brincam no computador e fazem joguinhos com os avós. Esse fato ficou evidente nos seguintes falas dos netos de tempo integral:

“Faço coleção de figurinhas com minha avó” (neto, 9 anos)

“brincamos no computador, cada uma com seu tablet” (neta, 7 anos)

“gosto de jogar ludo com a minha avó” (neto, 8 anos)

Para Bernal e Anuncibay (2008) esses avós são percebidos como **companheiros de jogos**, em que acompanham os netos nas suas brincadeiras.

Em relação aos netos cuidados de modo sistemático e esporádico, em sua maioria destacaram que a programação pode diferir, por exemplo, quanto à condição atmosférica:

“Quando chove assisto filme com os meus avós e brinco no computador com a minha avó e quando tem sol, brinco de totó com o meu avô no salão de jogos e na piscina com a minha avó (neto esporádico)

“Quando ficamos em casa, jogamos e assistimos TV e quando saímos brincamos no parquinho (neto sistemático)

Com relação ao brincar, Dominguez e cols. (2011) classificam esses avós como **divertidos**, sendo uma relação caracterizada como informal e de satisfação recíproca, No estudo de Ramos (2011), esse tipo de avós é considerado lúdico, pois tem uma relação com seus netos caracterizada pela informalidade e pela ludicidade. Eles rompem com a relação de

autoridade entre as gerações e promovem atividades nas quais tanto eles quanto seus netos encontrem prazer e diversão.

Segundo Dias (2008), quando os netos são pequenos, a função de cuidado por parte dos avós é essencial; os netos também valorizam os presentes e a atenção que os avós propiciam.

Quando questionados a respeito das brincadeiras preferidas, os netos de tempo integral relataram que são jogos educativos e eletrônicos. Percebe-se que grande parte desses jogos é compartilhada com os avós, mas o funcionamento e as regras são dados pelas crianças que ensinam a geração mais velha a brincar com as brincadeiras de hoje em dia, como relatam alguns netos:

“ensino minha avó jogar no celular” (neta, 8 anos)

“jogo vídeo game com o meu avô” (neto, 6 anos)

“Ensino usar o whatsapp, baixar imagens, vídeos porque ela me pede” (neto, 7 anos)

Atualmente as crianças estão imersas em uma nova cultura da sociedade em rede. Os espaços e as relações infantis com o mundo mudaram, bem como seus brinquedos, seu brincar e suas formas de pensar e construir sua realidade. Por isso, nas brincadeiras entre avós e netos, os jogos eletrônicos também aparecem como novo espaço de aprendizagem e interação (DORNELLES et al, 2009; RAMOS, 2011).

Portanto, os principais resultados apontam na opinião dos **netos de tempo integral** as brincadeiras que ocorrem dentro de casa são jogos, embora haja também atividades lúdicas como esconde-esconde e pinturas, enquanto que as atividades fora de casa ocorrem em praças, parques ou piscina.

O mesmo ocorre em relação aos netos de tempos **sistemáticos e esporádicos**, para quem predominam as atividades de jogos, havendo maior variedade de atividades fora de casa, como futebol e praia.

Nota-se que as atividades lúdicas entre avós e netos de tempo integral tendem a ocorrer em espaços internos como jogos educativos e eletrônicos, enquanto os avós

sistemáticos e esporádicos priorizam brincadeiras em espaços externos, como praia, piscina e jogos de salão e futebol nos parquinhos e especialmente nos *playgrounds*.

Quadro 1: Relação entre tipos de cuidados, grupo sócioeconômico e tipos de brincadeiras, Salvador, 2015.

Tipos de brincadeiras	Interna		Externa	
	Media alta	Média baixa	Média alta	Média baixa
integral	- jogar no tablet - jogar/computador	- pintar - dançar - jogar ludo	- praia	- praça - praia - piscina - parque
sistemática	- brincar com joguinhos - jogar/ computador	- brincar de esconder	- futebol - piscina	- praça
esporádica	- jogar /computador - desenhar		- totó (futebol de mesa) - playlândia - piscina - praia	

Na concepção de Bronfenbrenner (1979/1996), a interação da pessoa com o ambiente é caracterizada pela reciprocidade. A pessoa em desenvolvimento molda-se, muda e recria o meio no qual se encontra. O ambiente também exerce influência no desenvolvimento da pessoa, sendo este um processo de mútua interação. Os níveis estruturais do mapa ecológico são: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema, sendo que será dada ênfase na análise dos elementos do microsistema.

O microsistema “é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas” (Bronfenbrenner (1979/1996 p. 18). Trata-se, portanto, de um ambiente ou local onde o indivíduo pode estabelecer interações face a face; nesse estudo, a relação entre avós e netos.

Para os avós de tempo integral, qual seja, os que se ocupam integralmente dos cuidados dos netos, as crianças brincam principalmente sozinhas. Em ecologia humana, a díade é considerada uma unidade básica de análise. Bronfenbrenner (1996) considera-a como a estrutura interpessoal mais simples e, conseqüentemente, como o contexto mais imediato do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, os avós integrais interagem prestando atenção ao comportamento dos netos (díade observacional), enquanto que os esporádicos e sistemáticos se envolvem (díade de atividade conjunta) em atividades lúdicas, o que pode resultar em aprimoramento do desenvolvimento dos netos, pois, conforme Bronfenbrenner,

“Uma díade de atividade conjunta apresenta condições especialmente favoráveis não apenas para a aprendizagem no transcurso de uma atividade comum, mas também para aumentar a motivação na busca e aperfeiçoamento da atividade quando os participantes não mais estão juntos” (BRONFENBRENNER, 1996 p. 56).

De fato, uma das mais expressivas contribuições da abordagem ecológica refere-se às propriedades atribuídas a díade. Segundo Bronfenbrenner (1979/1996), três características são essenciais para o desenvolvimento de atividade conjunta: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva.

A reciprocidade está relacionada à maneira como os participantes interagem entre si, como um influencia o desenvolvimento do outro, pois, quando um membro de uma díade sofre um processo de desenvolvimento, o outro também o sofrerá.

Numa relação diádica, um membro pode ser mais influente que o outro, embora a ideia de reciprocidade sugira igualdade de poder. O ideal é que essa maior influência seja alternada entre os participantes da díade, havendo, então, um equilíbrio de poder. No caso dos netos da pesquisa, percebeu-se essa relação mútua, pois recebem ajuda nos deveres da escola como ajudam os avós na prestação de serviços como tirar os pratos, enxugar os pratos, guardar os brinquedos no lugar certo. No momento dos jogos, são os netos que exercem maior influência sobre a situação, passando a dominar.

É, de fato, Bronfenbrenner (1979/1996) enfatiza que, no caso de uma criança pequena, a participação em uma interação diádica oferece a oportunidade para aprender a lidar com a relação de poder e desenvolver capacidades para o exercício de controle sobre a situação. No

caso dos netos, todos foram unânimes em declarar que tanto recebem conselhos dos avós quanto os ensinam a lidar com as novas tecnologias como celular, computador, redes sociais. “Na medida em que ocorrem interações diádicas, desenvolvem-se sentimentos diferenciados e duráveis entre seus membros” (BRONFENBRENNER, 1996, p.47). Nesta medida, pode-se pressupor que, destas trocas lúdicas, uma relação de trocas de longo prazo possa estar sendo estabelecida.

Para o referido autor, relações afetivas positivas e genuínas evoluem para um tipo de relação denominada díade primária, que é o tipo mais duradouro de interação. As díades primárias existem para os participantes mesmo que eles não estejam fisicamente juntos. De fato, constatou-se que as crianças pesquisadas possuem bom vínculo relacional com os avós cuidadores, mesmo os que estão distantes geograficamente.

Essa convivência, sob a ótica proposta por Bronfenbrenner (1996), pode ser vista como relações microssistêmicas, envolvendo contatos de proximidade (com interações face a face) entre avós e netos, estabelecidos no cotidiano e em seu ambiente imediato. Como também em mesossistemas, em função da interação existente em outros contextos, como a moradia dos avós e locais onde circulam.

“Brincamos de totó” (neto, 6 anos)

“Jogamos ludo” (neto, 8 anos)

É importante mencionar que as mesmas propriedades que definem um mesossistema protetor ao desenvolvimento humano – formas de ligação, comunicação e disponibilidade de conhecimento -, acontecem em outras atividades realizadas conjuntamente, ampliando o referencial de experiência dos netos:

“Vou com minha avó na aula de educação física” (neto, 6 anos)

“Vou a igreja com minha avó” (neta, 7 anos)

Segundo a teoria bioecológica, essas comunicações interambientais podem ocorrer de forma unilateral ou bilateral, dependendo das características e condições dos ambientes em que os comunicantes se encontram. Por exemplo, muitos netos mencionaram que assistem televisão e filmes com os avós em espaços internos.

“Brinco no tablet junto com minha avó, cada um no seu” (neta, 7 anos)

“Assistimos vídeos com a minha avó e avô” (neto, 6 anos)

Essas informações transmitidas por via televisiva tendem a ser unilaterais, pois não se caracterizam por reciprocidade e interação pessoal imediata, embora isto possa ocorrer; enquanto que as bilaterais ocorrem com reciprocidade pessoal e verbalmente. Isso acontece em ambientes externos:

“Passeamos e comemos pizza” (neta, 8 anos)

“Brinco na piscina com minha avó” (neto, 6 anos)

Portanto, as concepções fundamentais do modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979/1996) pressupõem que, além destes indivíduos e seus ambientes estarem em mútua e recíproca interação através dos processos proximais, é preciso atentar para a importância do aprendizado do que ele chama de “experiência humana” (p. 43), essencial para o desenvolvimento individual e coletivo, com vistas ao aprendizado da convivência, das práticas de cuidados de si, de outrem e dos ambientes, com prioridade para a solidariedade.

“Quando fui hospitalizado minha avó cuidou de mim e quando adoeceu eu levava suco para ela beber (neto, 8 anos)

“Ensino meu avô jogar no celular e aprendo obedecer (neto, 7 anos)

Percebe-se que os avós integrais são acompanhantes e estão mais ocupados com os cuidados da rotina, preferindo atuarem em ambientes internos com os netos, enquanto que os sistemáticos e esporádicos planejam e interagem nas atividades lúdicas em espaços externos, como praia, piscina e jogos de salão e futebol nos parquinhos e especialmente nos *playgrounds*.

“Minha avó não gosta ir comigo para piscina, fica me olhando pela janela” (neta integral)

“Meu avô joga totó no salão de jogos” (neto esporádico)

“Jogo futebol no parquinho com minha avó” (neto sistemático)

Esses dados nos remetem ao espaço externo, pois, quando os avós moram em apartamentos, o pátio pode ser bastante restrito, uma vez que nem todos os prédios são dotados de áreas abertas ou de lazer. Todavia, como afirma Ramos (2011), quando os

condomínios possuem espaços de brincar, muitas crianças fazem uso desses ambientes para suas brincadeiras.

No que concerne às atividades externas, Contrim e Bichara (2012) ressaltam que a prática das brincadeiras tem migrado, desde a década de 1950, dos espaços externos para os espaços internos, de domesticação das crianças.

Essa tendência parece ocorrer em diversos países do mundo, o que é sugerido por estudos que identificam o cerceamento da liberdade das crianças durante as brincadeiras e os novos modos de apropriação dos espaços por elas. No Brasil, vários estudos comprovam esta mesma tendência como os desenvolvidos na cidade de Salvador (CONTRIM; BICHARA, 2012, p. 389).

As autoras acrescentam que a violência e a insegurança nas metrópoles emergem como um fator que contribui decisivamente para o cerceamento da liberdade infantil na atividade do brincar, pois a urbanização das cidades trouxe diversas mudanças como aumento do número de veículos, o crescimento populacional desenfreado e, com o aumento da violência, a sensação de insegurança.

Se essas transformações afetaram os adultos, também atingiram as crianças, que não têm outra opção senão negociar o uso do interior das casas transformando espaços como corredores e salas em lugares de brincadeira.

Todavia, consideram que há uma tendência crescente na contemporaneidade de desenvolver espaços especialmente estruturados para as crianças, como parques cada vez mais bem equipados e os chamados *playgrounds* ou parquinhos, locais criados especialmente para as brincadeiras com segurança.

3 À GUIA DE COMENTÁRIOS FINAIS

A importância dos avós na vida dos netos está sendo evidenciada pelos inúmeros estudos que enfocam esta relação (DIAS, 2004; BERNAL, 2008; RAMOS, 2012; DOMINGUEZ; VITORINO; MORGADO, 2011; RODRIGUES, 2014).

Os avós de hoje são percebidos como ajudando na condução da vida familiar, tornando-se figuras ativas e presentes nesse nos moldes do pensamento de Bronfenbrenner (1996).

Desse ponto de vista, os avós emergem no cenário contemporâneo como uma forma de apoio social com que os pais contam rotineiramente para a tarefa de cuidar de suas crianças e educá-las. Na convivência cotidiana em família, os avós se preocupam em passar para os descendentes, em especial os netos, as lições por eles extraídas dos acontecimentos de suas próprias histórias de vida.

Neste sentido, devemos remarcar a importância dos seguintes aspectos: a) a comunicação bidirecional em contraposição à unidirecional; b) a existência de informações precisas e fidedignas; c) o sentimento de objetivos comuns de dois ou mais sistemas envolvidos; d) a confiança mútua; e e) o equilíbrio de poder. São elementos que favorecem o desenvolvimento de todos os participantes.

Como, em geral, as crianças têm maior domínio das novas tecnologias do que seus avós, isso significa que há uma interação de mutualidade e reciprocidade em torno do computador e dos jogos eletrônicos, por meio dos quais essas duas gerações se ajudam, brincam e interagem e estabelecem modos alternativos de domínio e poder.

No entanto, os jogos e as brincadeiras de hoje em dia não são apenas feitos de computadores, celulares e videogames, mas de outros brinquedos e brincadeiras que não perderam o seu espaço.

Devemos ressaltar que o processo de urbanização das cidades trouxe mudanças para os modos de morar e viver: a vida das crianças se dá cada vez mais em apartamentos, condomínios fechados e *shopping centers* onde o contato com a natureza é quase inexistente, mesmo assim a casa dos avós é um lugar de diversão, adaptação para criar ambientes interativos, lúdicos e acolhedores para seus netos e onde as crianças podem brincar com seus irmãos e primos. Avós e netos se adaptam às novas circunstâncias de vida, modificando as formas de interagir e brincar com o intuito de continuar interagindo e continuar brincando.

REFERÊNCIAS

BERNAL, Jerônimo González; ANUNCIBAY, Raquel de la Fuente. Relevancia psico-socio-educativa de las relaciones generacionales abuelo-nieto. *Revista Española de Pedagogía*, v. LXVI, n. 239, p. 103-118, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://revistadepedagogia.org/descargar-documento/3-relevancia-psico-socioeducativa-de-las-relaciones-generacionales-abuelo-nieto.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Tradução M. A. V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Trabalho original publicado em 1979).

CONTRIM, Gabriela Souza; BICHARA, Ilka Dias. **O Brincar no Ambiente Urbano: Limites e Possibilidades em Ruas e Parquinhos de uma Metrópole**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 388-395. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n2/19.pdf>> Acessado em 03 dez.2014

DIAS, Cristina Maria de S. B. **Aspectos teóricos e de pesquisa na relação avós-netos. Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 6, n. 7, p. 89-98, 2004. Disponível em: <http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowMateria.asp?var_chavereg=74>. Acesso em: 10 maio 2014.

DIAS, Cristina Maria S. B. “Pais são para criar e avós para estragar”: será? In: GOMES, I. C. (Org.). **Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 67-72

DIAS, Cristina. M. S. B., Hora, F. F. A ; Aguiar, A. G. **Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais**. *Psicologia Teoria e Prática*, 12(2) p.188-99, 2010 Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/2903/2553>> Acesso em: 9 maio 2013.

DOMINGUEZ, Tatiana; VITORINO, Anabela; MORGADO, Sonia. **Relações intergeracionais: a visão dos avós**. *INFAD Revista de Psicología*, N°1-Vol.4, 2011. ISSN: 0214-9877. pp:237-248. Disponível em: <http://infad.eu/RevistaINFAD/2011/n1/volumen4/INFAD_010423_237-248.pdf> Acessado em 10 jun.2014

DORNELLES, Leni Vieira et al. **Em busca de novas práticas pedagógicas para a ciberinfância**. In: Workshop de Modelos Pedagógicos em Educação à Distância – XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, Florianópolis - SC, 2009,. V.1. p.2-11

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível**. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/download/18338/11399>> Acessado em: 05 jan. 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ROCHA, Simone Maria da. A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 44, n. 30, p. 36-61, set./dez. 2012.

RABINOVICH, Elaine P. MOREIRA, Lucia. V. C.. Significados de família para crianças paulistas. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 2008, p. 447-55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a05.pdf>> Acesso em: 11 maio 2013.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32306>>. Acesso em: 9 out. 2013.

RAMOS, Anne Carolina. **“Avó é feminino e avô é masculino”:** relações de gênero e entre gerações na perspectiva das crianças. In: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e pré-alias Brasil, XV. Anais. Universidade Federal do Piauí, 2012. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT10-01.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

RODRIGUES, João Paulo Vieira. Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças: uma abordagem intergeracional. In RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, **Ainda**. **A voz dos Avós: migração, memória e patrimônio cultural**. 2ª. ed. Gráfica de Coimbra. Portugal. 2014. p. 70-90